

Constantino na Constituinte

Caio Fábio D'Araújo Filho

Os primeiros 280 anos de história da Igreja desenvolveram-se sob alternadas perseguições do Império Romano e resistente oposição do judaísmo farisaico. Enquanto houve perseguição a Igreja cresceu sóbria e santa. Até que em 313 Constantino converte-se à fé cristã. Sem dúvida, politicamente, foi uma decisão sábia a do Imperador, pois com o Império a esfacelar-se, a catolicidade supra-étnica da Igreja serviria para ajudá-lo a sedimentar seu governo. Mas a Igreja oprimida tanto tempo não percebia que por trás das benesses do Imperador havia manobristmos políticos. E sempre assim: minorias oprimidas facilmente tornam-se acríticos e deslumbram-se com o poder. Foi desse modo que a Igreja do IV século começou a se corromper.

No Brasil, nós, evangélicos, temos vivido recentemente um momento de deslumbramento **constantiniano**. Quando digo nós estou me incluindo, sofrida e dolorosamente, entre um povo ao qual amo e do qual faço parte, mas que tem estado do lado errado da história nos últimos anos, através do posicionamento equivocado de alguns daqueles que o têm representado.

Neste século de fé protestante no país sempre fomos minoria. Minoria discriminada, às vezes perseguida e quase sempre ignorada. Porém minoria nobre e justa. Sempre conhecida pela sinceridade e singeleza de sua fé, honesta na obra redentora de Jesus. No entanto, nos últimos 30 anos houve uma grande explosão de crescimento nas igrejas evangélicas no país. Especialmente entre os grupos pentecostais. O que sem dúvida foi muito bom, pois a Igreja está no mundo **também** para crescer.

Até então a postura geral dos evangélicos no Brasil sempre tinha sido politicamente tímida e recolhida — à exceção de alguns pequenos grupos mais "conscientes". Foi sempre assim, até que o governo, em plena ditadura, nos descobriu como base política útil. As autoridades, já completamente desacreditadas pelo resto da população, recorreram ao espírito ordeiro e submisso dos evangélicos. Nesse ponto começou a **constantinianização** dos protestantes no Brasil. Como já éramos milhões (13 a 20 milhões no país), não poderíamos ser politicamente ignorados e desprezados. Os primeiros privilégios e benesses surgiram. Povo na sua maioria acrítico, simples e sem muita visão da história, muitos evangélicos receberam esses favores governamentais como "bênção de Deus".

Ora, não demorou muito para que alguns líderes populares de vários grupos evangélicos se dessem conta de que eles próprios poderiam usar este espírito dócil da **grande minoria** protestante para estabelecerem suas próprias bases políticas.

O que se vê no momento é desastrado vôo de muitos desses líderes — que **conquanto sejam pastores** são teologicamente leigos, na sua maioria — trazendo a todos nós medo, vergonha e perplexidade.

As notícias publicadas pela imprensa no último domingo, se não são totalmente exatas, são pelo menos bastantes próximas de realidade. No todo, a descrição de fatos teve sua pertinência. No entanto, queremos dizer à sociedade brasileira e à comunidade evangélica do país — atônita e envergonhada com as últimas notícias — que há um considerável grupo de líderes protestantes sérios e esclarecidos que não comungam com a sede de autofavorecimento de tais políticos e que repudiam suas ações com veemência.

É óbvio, entretanto, que quando um grupo político abusa de suas prerrogativas, até aquelas suas gestões que poderiam ser vistas como normais passam a ser encaradas como corrompidas. No elenco de coisas inventariadas como sendo práticas ilícitas do parlamentar evangélico foram incluídas também ações das do tipo que qualquer parlamentar faz a fim de beneficiar o grupo que o elegeu. Todavia, a maioria dos fatos alegados extrapola em muito este tipo de procedimento natural. Temo, no entanto, que mesmo aqueles parlamentares discretos e sóbrios — que, com certeza, não são apenas os "dissidentes" da ala esquerda dos evangélicos — possam ficar definitivamente marcadas nas suas futuras e necessárias intervenções a favor da comunidade protestante, em razão dos abusos e dos excessos agora praticados, que trouxeram nódoa mesmo àqueles que nada fizeram de ilícito.

Por outro lado, vejo tudo isso positivamente e com otimismo, crendo que o serviço que a imprensa prestou à igreja evangélica foi terapêutico. Afinal, a própria história recente da Igreja Católica nos ensina como uma entidade religiosa pode estar anos a fio do lado errado da História para então, de súbito, perceber isso e converter-se às causas certas da sociedade. Esperamos, entretanto, ser tratados com a mesma indulgência quando isso acontecer.

De tudo o que foi dito pela imprensa, especialmente na reportagem do JORNAL DO BRASIL, o que mais souo forte e humilhante nos meus ouvidos foi a afirmação de Ronaldo Caiado, da UDR, referindo-se aos parlamentares evangélicos: "Eles estão todos aqui", batendo no bolso. Quero dizer a Ronaldo Caiado e à sociedade brasileira que somos pelo menos 13 milhões de evangélicos no país. A maioria gente simples e gente pobre. Alguns, é verdade, ainda ingênuos e deslumbrados com a ascensão e com o poder que uma grande multidão pode emprestar a um líder ou a uma denominação religiosa. Mas não estamos no bolso de Ronaldo Caiado, nem de ninguém. E aqueles que em nosso nome se deixarem comprar receberão o justo juízo de Deus e da História.

Nossa esperança é de que tudo isso esteja servindo para amadurecer a grande população evangélica do Brasil, a fim de que apareçamos nos jornais não por causa de escândalos feitos em nosso nome, mas em razão de nossa lucidez histórica e de nossas obras de justiça na sociedade.

Caio Fábio D'Araújo Filho é ministro presbiteriano, vice-presidente da Comissão Brasileira de Evangelização e autor de vinte livros teológicos e devocionais.